

GORDON, César. **Economia Selvagem: ritual e mercadoria** entre os índios Xikrin–Mebêngôkre. São Paulo: ISA/NUTI/UNESP, 2006. 456 p.

MESSIAS BASQUES¹
UFSCAR

A pergunta que se coloca é: *o que* exatamente os índios estão ‘consumindo’ (e que relações estão implicadas nesse consumo), quando incorporam em seu cotidiano as mercadorias produzidas pelos brancos? A questão do dinheiro e do consumo pode iluminar domínios ainda não totalmente explorados pela tradição etnográfica sul-americana, a saber, a questão do que *configura riqueza e valor* para essas sociedades (...) cabe perguntar também o que são os ‘objetos’ e qual o seu valor, incluindo aí toda sorte de objetos que surgem como signos de relações com a alteridade (NUTI, 2003, p. 49 – grifos no original).

O livro de César Gordon poderia ser situado no interstício das sociedades ditas “discretas” com a sociedade ocidental, tida como “moderna” ou “complexa”. Gordon procurou investigar o que chamou de “consumismo” dos índios Xikrin do Cateté – isto é, sua grande demanda por dinheiro e bens industrializados. O trabalho desenvolvido pelo autor insere-se na pesquisa coletiva do Núcleo de Transformações Indígenas (NUTI, 2003), a qual versa sobre a dinâmica transformacional característica dos coletivos indígenas sul-americanos, propondo-se a estudar as atualizações diferenciais desta dinâmica em uma variedade de processos sociais concretos.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos – PPGAS/UFSCar. E-mail para contato: messias.basques@gmail.com.

Um dos objetivos do projeto NUTI é elaborar uma tematização mais rigorosa do estatuto da alteridade na cosmopraxis indígena, tanto por via de novas pesquisas empíricas de campo como por um esforço de lhe dar consistência conceitual, isto é, de situá-lo em um campo problemático bem definido (NUTI, 2003, p. 20-21). A ênfase do presente projeto, assim e em suma, não recai sobre a distinção entre sociedades ou historicidades quentes e frias, mas sobre as potencialidades inexploradas do conceito de transformação estrutural, bem como sobre seus limites. Esse conceito forneceria um poderoso instrumento analítico para falar ao mesmo tempo de mudança e continuidade, ambos implicados nos processos de transformação. Uma crítica produtiva a Claude Lévi-Strauss, capaz de explorar os limites internos do estruturalismo (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), deve portanto visar os limites desse modelo de transformação antes que atribuir erroneamente à teoria levistraussiana uma impotência histórica constitutiva.

Neste projeto, portanto, queremos focalizar os movimentos indígenas, suas organizações e lideranças, a apropriação da escola e da escrita, a relação contemporânea com as missões, como outros tantos modos e momentos de atualização — em condições históricas específicas (como sempre, e como tudo) — da cosmopraxis nativa. (...) É preciso adotar a perspectiva inversa e estudar como os coletivos indígenas, em determinado contexto sócio-histórico, 'constituem o mundo ao seu redor de maneiras que são intrinsecamente significativas para eles' (...). E para tanto é mister entender qual o lugar, nesses contextos, das economias da apreensão relacional, da subjetivação perspectivista e da metamorfose mitopoiética (NUTI, 2003, p. 39).

Na seara aberta por este ambicioso e (não menos profícuo) projeto, a contribuição principal do trabalho de César Gordon seria a de procurar entender o que faz os Xikrin desejarem os objetos produzidos pelos brancos (qual o significado desses objetos para eles, ou “por que” e “para que” eles tanto os desejam); e o que esses objetos ‘fazem’ quando entram no sistema de circulação de valores Xikrin, quais suas implicações no modo Xikrin de auto-constituição e o que ocorre com os mecanismos de reprodução social indígena na presença desses objetos.

Deste modo, importaria desvelar o consumo Xikrin como uma forma de ação/transformação ritual.

Em prefácio, Carlos Fausto resume a tese do livro dizendo que aquilo que começou como reprodução cultural acabou por produzir transformações em cadeia, criando novos desafios, que os Xikrin parecem enfrentar por meio de novas “indigenizações” (FAUSTO, 2006). E o autor buscou confrontar esta tese mediante uma densa descrição etnográfica sobre a economia política Xikrin atual, destacando os processos de aquisição, circulação e consumo de mercadorias. Para responder às questões suscitadas por este campo tão ‘variado e dessemelhante’, pareceu-lhe essencial articular o “consumismo Xikrin”, e a crescente monetarização que o acompanha (incluindo aí o enriquecimento de chefes e lideranças), com o tema, já bem conhecido na literatura etnográfica sobre os Kayapó-Mebêngôkre, da circulação de bens, objetos e prerrogativas *cerimoniais* ou rituais (nomes e *nêkrêjx*), que já foram descritos como a “riqueza tradicional” da sociedade Mebêngôkre.

As razões para proceder a uma articulação analítica entre objetos a princípio tão díspares repousaria no fato de que, assim como o dinheiro e os bens industrializados do mundo dos brancos, os bens cerimoniais tradicionais são vistos como tendo uma origem no “exterior”, donde os índios os obtiveram e obtêm por meio de uma relação “predatória” com outros tipos de seres (da natureza e sobrenatureza) e povos estrangeiros (*kuben*). O ponto de partida da investigação de César Gordon apoiou-se, portanto, na suposição de que para entender o significado dos objetos do mundo dos brancos e sua importância na experiência social indígena é preciso inscrevê-los em uma reflexão mais ampla sobre o regime sóciocosmológico Xikrin, levando em conta os modos de relação com a alteridade. Porém, o autor pontua que o ponto de chegada implicou a consideração não apenas dos significados dos objetos dos brancos, mas as conseqüências mesmas de sua incorporação para os mecanismos de reprodução social Xikrin.

Depois de situar sua obra num plano de fundo teórico com o qual pretende travar debate, César Gordon passa a apresentar os dados etnográficos e as conclusões a que pôde chegar.

Num primeiro momento, o autor faz uma introdução geral, onde recupera o trajeto da pesquisa. Além de expor o problema etnográfico, delimitando o fenômeno que denominou de “consumismo Xikrin”, Gordon descreve também algumas dificuldades metodológicas encontradas e as condições da pesquisa de campo. A partir de então, nos oferece uma apresentação dos Xikrin do Cateté e de seu território, desdobrando-se num panorama de sua história desde o século passado até o presente. O autor procura, assim, criticar o postulado de uma excessiva autonomia das aldeias Mebêngôkre (no período pré-contato) – pensadas como microcosmo autocontido e auto-reprodutivo – mostrando como os eventos históricos são mais bem entendidos de uma perspectiva mais abrangente, capaz de integrar as relações internas (relações de gente Mebêngôkre entre si), seja do ponto de vista intra ou intercomunitário às relações externas (relações entre os Mebêngôkre e aqueles considerados por eles como outros tipos de gente), incluindo aí as relações com os brancos (GORDON, 2006). O outro objetivo é demonstrar a insuficiência do argumento de que o contato com os brancos teve por efeito a criação imediata de “novas necessidades culturais”, gerando assim uma “dependência” material, econômica e política dos brancos.

Carlos Fausto dirá, no entanto, que,

No caso Xikrin, mais rituais significam que mais pessoas têm sua beleza criada e confirmada ritualmente, gerando-se paradoxalmente menos distintividade... E para onde se desloca, então, o desejo de distinção? Ora, para o consumo de mercadorias, marcando-se agora diferenças pela quantidade e qualidade dos bens consumidos. Eis o segredo do consumo ostentatório Xikrin (FAUSTO, 2006, p. 27).

Numa sinuosa linha narrativa que enreda todo o livro, César Gordon descreve os modos como atualmente se efetivam a aquisição e a circulação do dinheiro e das mercadorias entre os Xikrin. O foco recai sobre a forma pela qual os Xikrin gerenciam os recursos do Convênio-Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Procura mostrar como as relações (comerciais e políticas) que eles estabeleceram com os brancos para obter o seu próprio dinheiro e as mercadorias, mesmo desenvolvendo-se em tempos de “paz institucional”, apresentam um aspecto “não

pacífico” – expresso por um conceito central da “agência” indígena: a noção de *djàkrê*, que significa “selvagem”, “bravura”, “valentia”, capacidade de ação e de posicionar-se enquanto sujeito ativo frente a um objeto passivo (*djuabô* = “manso”, “pacífico”, “domesticado”, “dócil”). Destarte, o autor sublinhará que tal aspecto *djakrê* lhe parece instrumento essencial na forma da relação com o estrangeiro ou Outro, propiciando o movimento de “predação”.

Isto posto, torna-se compreensível o modo pelo qual pretende,

Imprimir aos materiais etnográficos mebêngôkre [os pressupostos teóricos acima expostos], aproximando-os dos modelos descritivos-conceituais que vêm sendo desenvolvidos para a Amazônia indígena na esteira dos trabalhos de autores como Bruce Albert e Eduardo Viveiros de Castro, por exemplo, sobretudo no que diz respeito ao regime geral de subjetivação (ou personificação) das culturas ameríndias (GORDON, 2006, p. 83).

Mesmo porque no universo Kayapó, é a pessoa humana que constitui o ponto focal de todo esse maquinário produtivo e reprodutivo. E, nesse ínterim, Gordon procura pensar o atual consumismo Xikrin, essa espécie de tropismo na direção dos objetos industrializados, como uma forma de “predação ontológica”, tal como formulada por Viveiros de Castro (GORDON, 2006, p. 95). A predação Mebêngôkre trataria menos de capturar o corpo e o espírito do inimigo do que sua “cultura” (imaterial e material), ou sua “riqueza”, sua “beleza”, enfim, suas “propriedades” não imediatamente corpóreas, mas relacionadas ao corpo: nomes, cantos, adornos, matérias-primas, formas, coisas (GORDON, 2006, p. 98–99). O signo da apropriação deste povo não é *per se* o canibalismo, mas antes uma espécie de captura. Raciocínio que leva César Gordon a divergir de Carlos Fausto ao propor que neste regime de predação a destruição física do inimigo pode ser dispensável.

Saindo da dinâmica da aquisição predatória para a circulação interna dos recursos assim obtidos, somos levados a vislumbrar como ela constitui um ponto de tensão entre os Xikrin, uma vez que existe uma apropriação diferencial entre o grupo de pessoas que ocupa posições de chefia e a outra parcela da comunidade. Daí em diante, Gordon dirá que os Xikrin não acumulam o dinheiro que obtêm em suas

relações com os brancos, convertendo-o rapidamente em bens e mercadorias que são consumidos na vida cotidiana e nos períodos cerimoniais. O dinheiro é percebido por eles como um meio de adquirir outros objetos desejados, mas que são produzidos apenas pelos brancos e estão de posse dos brancos, os quais, por sua vez, não os dão aos Xikrin.

A sugestão que o autor nos oferece é a de que os objetos que os brancos possuíam, no momento inicial do contato dos Xikrin (e dos Mebêngôkre) com eles, foram percebidos e tratados dentro de um esquema geral de relação com estrangeiros (*kuben*). Isso deu vez a uma relação que se desenrolou ao longo da história de modos variados: parcerias mais ou menos temporárias, ataques de pilhagem, guerras, consolidando-se finalmente num “acordo” de paz na década de 1950. Em todo esse percurso fica claro que a apropriação das mercadorias, e da cultura material dos brancos, sempre foi uma motivação indígena crucial no contexto da relação que se estabeleceu. Ocorre que, ao longo da história, na medida em que a região habitada pelos grupos Mebêngôkre foi sendo transformada pela presença crescente do Estado e do mercado, modificou-se, conseqüentemente, a interação entre índios e brasileiros. Um dos resultados recentes foi um desdobramento interessante da relação dos Xikrin com os objetos dos brancos. Tal desdobramento chama-se dinheiro. Interposto entre os brancos e seus objetos, o dinheiro vem sendo também objeto de um processo de apropriação pelos Xikrin: trata-se, afinal de contas, de fazê-lo, para os índios, “o nosso próprio dinheiro”, o “dinheiro dos Mebêngôkre”. Não obstante, o dinheiro apresentaria outra face, cujo signo (objetivação) revelaria a relação “predatória” com o *kuben*.

Ao cabo desta discussão, o foco desvia-se para o consumo, momento a partir do qual tomamos conhecimentos dos diferentes modos de consumo de mercadorias, considerando as duas linhas ou direções da ação social, a saber: o processo de “fabricação” do parentesco e da comunidade enquanto uma comunidade “de parentes”; e o processo de “transformação” ritual, como dispositivo reprodutivo que permite repor as condições a partir das quais o primeiro (a fabricação do parentesco) pode proceder. Conforme retratado acima, Gordon afirma que a transformação ritual está vinculada à relação

predatória com a alteridade, e que as capacidades “agentivas” que se obtêm na “ação social extraordinária” (ritual) são objeto de controle na sociedade Mebêngôkre.

Seu argumento é que a reprodução ritual não se volta apenas a repor diferenças eqüistatutárias de tipo “clânico” ou “totêmico”, mas ao estabelecimento de diferenças hierárquicas, relacionadas com a questão do poder e da diferença de “valor” ou “beleza”. Existiria, pois, uma busca por uma relação diferencial com a alteridade que se expressa naquilo que o autor formulou como “transformação ritual diferencial”. Essa motivação, que dinamiza o aspecto “centrífugo” (aludindo a Carlos Fausto, 2001) do sistema reprodutivo Mebêngôkre, esteve e está presente no movimento de apropriação Xikrin das mercadorias e do dinheiro (GORDON, 2006, p. 99).

Vis-à-vis, César Gordon sugere também que a incorporação das mercadorias nesses dois vetores da ação social tem efeitos complexos e potencialmente contraditórios. O incremento dos objetos dos brancos na vida Xikrin vem possibilitando ampliar o ativamento de relações sociais de uma maneira geral, assim ampliando a “produção” de pessoas e de pessoas bonitas (*mejx*). No entanto, o consumo cotidiano de mercadorias, que visa à ampliação das relações de cuidado, troca, partilha e convivialidade, e contribui para a constituição de uma identidade Xikrin, tem como efeito o risco de os Xikrin ficarem parecidos demais com os brancos, pela modificação gradativa do corpo e dos afetos. Do outro lado, a introdução das mercadorias na promoção das atividades cerimoniais parece trazer o risco inverso de tornar os Xikrin parecidos demais entre si, reduzindo as diferenças de estatuto cerimonial. Igualmente, destaca-se a existência de uma forma de consumo de mercadorias que Gordon chamou de “diferencial”, que se expressa na questão da “riqueza” dos chefes, e que pode ser vista como uma transformação do sistema de diferenciação ritual, voltado igualmente para uma distribuição interna diferencial da “beleza”. Isto é, uma forma de produzir distintividades internas por meio de uma relação diferencial com a alteridade.

Caminhando rumo ao final do livro, deparamo-nos com uma discussão sobre os bens cerimoniais tradicionais, oportunidade esta em que o autor procurará alinhar a hipótese já aludida de que é possível

tratar, dentro de um mesmo mecanismo geral de apropriação de “capacidades” do exterior no processo de reprodução social Mebêngôkre, os nomes bonitos, os *nêkrêjx* e as mercadorias. Mesmo que essas últimas, hoje em dia, não possam ser vistas formalmente como *nêkrêjx* – já que não caem no sistema tradicional de circulação de bens cerimoniais –, Gordon defende que elas continuem funcionando de maneira equivalente. A comparação do tratamento dado pelos índios ao dinheiro e às mercadorias com a dinâmica dos bens cerimoniais tradicionais permitiria dizer que a tentativa de manter os objetos dos brancos sob uma circulação restrita está relacionada à tentativa de manter seu sobre-valor ou sua “verdadeira beleza”, ou seja, a face subjetivada desses objetos, seu aspecto “extraordinário”.

Assim como os nomes e os *nêkrêjx*, as mercadorias vêm servindo para internalizar uma diferença de “beleza” entre as pessoas. O mesmo problema se põe nos dois casos, que é o de evitar que alguns desses objetos se tornem “de todo mundo”, se tornem coisas comuns (*kakrit*). No caso dos nomes e *nêkrêjx* esse problema era resolvido, de certa forma, pela sua vinculação ao sistema de transmissão cerimonial e suas regras. Todavia, a diferença entre *nêkrêjx* e mercadorias está no fato de que presentemente, entre os Xikrin, essas últimas (em sua grande maioria) saíram da esfera cerimonial e do sistema de transmissão correspondente. É como se tivéssemos, então, um esquema tripartite. No que diz respeito aos grandes nomes (chamados de “nomes bonitos”, *idji mexj*) – cuja obtenção é explicada nos mitos, mas que continuou ocorrendo através da atividade xamânica –, a “confirmação” cerimonial (ressubjetivação ritual) é preponderante para assegurar o valor e a beleza “verdadeira” (pois é no ritual que se reafirma que esses nomes provêm dos animais); porém, tenta-se igualmente evitar a circulação dessubjetivante (através de procedimentos de controle da transmissão: “empréstimos” e “devoluções”, direito ao usufruto e direito à retransmissão). No que diz respeito aos *nêkrêjx* “tradicionais” – cuja obtenção (de alguns) também é explicada nos mitos, mas que continuou ocorrendo, até a pacificação, através da atividade guerreira –, parece ser preponderante o caráter exclusivo e “único” (isto é, mais valor têm os itens que menos circularam); mas eles também são vinculados ao ritual, momento em que são “confirmados”. No que diz respeito às

mercadorias – cuja origem, mas não a obtenção, é explicada nos mitos, e cuja obtenção ocorreu, até a pacificação, por meio da atividade guerreira, e hoje ocorre por meio da atividade política e comercial (mas que apresenta um aspecto predatório) – parece restar apenas a importância da “exclusividade” e a tentativa de controlar a circulação, já que as mercadorias não são “confirmadas” cerimonialmente.

Na interpretação de César Gordon, tal mudança parece resultar das condições históricas particulares (o fato dos brancos terem feito parte da história *Mebêngôkre*) sobre os princípios gerais de funcionamento do maquinário reprodutivo *Mebêngôkre*. É como se o sistema tradicional de transmissão cerimonial *Mebêngôkre* não tivesse dado conta da forma dos objetos que os brancos produzem: em escala industrial, maciçamente, que se repetem infinitamente iguais em suas multivariadas figuras e propósitos. O fato é que a desvinculação dos objetos dos brancos da esfera cerimonial tem efeitos complexos sobre o sistema como um todo. Fora do sistema de circulação tradicional e da esfera ritual, esses objetos têm a tendência de se desvalorizar mais rapidamente, o que dá vez a novos esforços de criar nichos de consumo restrito, seja incrementando a quantidade, seja buscando novos itens exclusivos e de pouca circulação. Mas esses novos itens também não entram no sistema de transmissão tradicional, e o movimento tende a se repetir.

Em suma, a situação atual – marcada pelo fim das guerras, estabilização territorial, crescimento demográfico, aumento no fluxo de mercadorias – além de intensificar as demandas pela circulação, acelerando o ritmo em que são ativadas as relações sociais entre as pessoas, vem promovendo, no mesmo compasso, o incremento das atividades cerimoniais. Mas o efeito aqui também retroalimenta o movimento inflacionário. A tendência à universalização do estatuto cerimonial, se por um lado satisfaz um ideal coletivo de produzir pessoas verdadeiramente belas ou bonitas, parece colocar um problema a mais para a distintividade da “boa gente” (isto é, as pessoas de notabilidade e prestígio entre o grupo, chamados *me raxj* ou *me mejx*). Pois se muitas pessoas passam a ter nomes bonitos verdadeiros, e se diversos *nêkrêjx* vêm sendo utilizados cerimonialmente “por todo mundo”, talvez seja preciso buscar mais distintividade. Mas onde?

Pergunta-se Gordon. No passado, os Mebêngôkre podiam eventualmente partir em busca de novos itens, fazendo guerra aos povos vizinhos. Hoje, só há os brancos e suas mercadorias ao redor. Ao longo da história, eles fizeram-se cada vez mais presentes no universo de relações sociais Mebêngôkre, ao mesmo tempo em que se ia reduzindo a presença de outros coletivos indígenas estrangeiros. Os brancos, enfim, estão por toda à parte, tendo se tornado uma espécie de “alteridade preponderante”. E, mais uma vez, vem à tona a questão: onde buscar a distintividade senão naquilo que os brancos produzem: objetos em profusão, mercadorias em escala industrial? A distintividade é buscada, então, sob a forma do aumento crescente do consumo, pois talvez não haja outro lugar a buscá-la.

Mas o aumento de consumo só pode realimentar o ciclo, e disso resultaria o “consumismo” e o “processo inflacionário” que se observa entre os Xikrin do Cateté. Para resumir a situação que César Gordon nos descreve, poderíamos inferir que: o dinheiro e as mercadorias se tornaram um tema de grande importância e vêm sendo intencionalmente (e avidamente) apropriados pelos Xikrin, com implicações sobre as relações “internas” e “externas” à comunidade. Do ponto de vista das relações internas, a circulação de objetos importados tornou-se central e totalmente impregnada na dinâmica social, repercutindo sobre a vida política, as relações de parentesco, as atividades cerimoniais, enfim, sobre os mecanismos de reprodução social em geral. Do ponto de vista das relações externas, o consumismo tem efeitos sobre as formas de interação dos Xikrin com os demais agentes não indígenas do seu universo, particularmente Funai, CVRD; mas aparece também como um modo de expressar relações com outras comunidades indígenas, particularmente outros grupos Mebêngôkre-Kayapó.

Há, portanto, um considerável afluxo de bens industrializados no cotidiano Xikrin, que não responde simplesmente pelas necessidades de produção material, mas caracteriza o que o autor chamou de “consumismo”. Em consequência dessa demanda, a comunidade passa por um processo de monetarização, que se resolveu, através do Convênio com a CVRD, em uma institucionalização da cessão de recursos financeiros à comunidade, incluindo a formalização de cargos

remunerados para chefes e lideranças (e alguns cargos menores, como agente de educação e saúde). E, sendo assim, a economia política Xikrin hoje se assenta numa diferenciação entre uma “classe” de chefes com maior capacidade de acumulação – que atuam como redistribuidores – e as outras parcelas da comunidade.

Nessa intrincada rede de relações que perpassam e forjam a pessoa, vimos com César Gordon o quão importante tem sido o “consumismo” na constituição também do *socius* Xikrin. E o autor nos coloca a seguinte questão: se Viveiros de Castro está correto, e o ponto de vista está no corpo, o que acontece quando os corpos se transformam intensamente, tal como num cenário cotidiano dos Xikrin-Mebêngôkre?

César Gordon oferece a seguinte alternativa:

O que sabemos, eles e eu, é que para continuar virando e fazendo-se Mebêngôkre precisam continuar virando brancos. Viver nesse mundo em que se pode virar Outro o tempo todo, e que é preciso virar Outro para constituir-se, sempre foi perigoso. Se os limites nunca estão no mesmo lugar, os desafios de continuar existindo, todavia, permanecem. E tudo o que vira, quiçá, desvira (GORDON, 2006, p. 415).

Referências bibliográficas:

COHN, Clarice. **A criança indígena**: a concepção Xikrin de infância e aprendizado. 2000. 185 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – PPGAS, FFLCH, USP, [2000].

FAUSTO, Carlos. **Inimigos fiéis**: história, guerra e xamanismo na Amazônia. São Paulo: EDUSP, 2001.

FAUSTO, Carlos. A indigenização da mercadoria e suas armadilhas. In: GORDON, César. **Economia Selvagem**: ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre, São Paulo: UNESP/ISA/NUTI, 2006.

NUTI. **Transformações Indígenas**: os regimes de subjetivação ameríndios à prova da história. Rio de Janeiro/Florianópolis: Projeto PRONEX, 2003. Disponível em: <http://www.nuti.scire.coppe.ufrj.br/>. Acesso em: 29 mai. 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148. abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v8n1/9643.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2008.
